

Objetivo é continuar a viver do tênis de mesa, diz 1º atleta trans da modalidade



Luca Kumbhara, primeiro atleta trans da modalidade, no Centro Esportivo Recreativo Bochoffo São José, em São Carlos de São

Objetivo é continuar a viver do tênis de mesa, diz 1º atleta trans da modalidade

Jogador estreou na categoria em dezembro de 2023 e convive com dúvidas sobre futuro da carreira

ENTREVISTA LUCAS KUMHARA Lucas Bombarda

SÃO PAULO Talvez precise no tênis de mesa, o jogador Luca Kumbhara, 28, está sendo obrigado a viver a sua trajetória no esporte. Com seis vitórias no certame e medalhas em Jogos Pan Americanos, Kumbhara é o primeiro homem trans da modalidade. No esporte desde os 15 anos de idade, ele conta que embora se identifique com o gênero masculino há na infância, por muito tempo não percebeu a possibilidade de fazer a transição de gênero. Quando decidiu fazer a transição, é falar para as pessoas como ele se identifica. Muitos gente acaba tendo uma ideia equivocada que a transição resolve procedimentos, e na verdade, ela acontece quando você assume outro gênero, não precisa passar por cirurgia, por mudança de nome, por tratamento hormonal, você só precisa assumir o que te faz passar a pensar a respeito. Em sua jornada, assistiu aos vídeos de um jogador trans que fala sobre o processo dele, e foi a partir

dela que ele encontrou mais informações sobre o assunto. Ouvindo falantes sobre o tratamento hormonal com testes, exames, exames de sangue, principalmente exames, e pensar que queria tomar. Foi quando começou a traçar um plano. Como foi o planejamento? Na época estava voltando para a seleção, após um período em que ficou bastante desmotivado e, quase parou de jogar. Só que voltei melhor do que antes, e foi um momento importante para mim por conta das Olimpíadas de 2024. Como você chegou a decidir esperar e traçar o plano antes de jogar no final no ano Paris e depois iniciar o tratamento. Como foi sua estreia no masculino Campeonato Brasileiro em dezembro de 2023? Foi uma estreia bem complicada emocionalmente. Não acho que eu tenha sofrido porque já vivi tanta coisa no esporte, e achava que conseguiria lidar com as emoções mais e menos difíceis. O motivo, a seguir das emoções era muito diferente de todas as outras coisas que passei na vida, por sofrer tão difícil de lidar com elas. O

“Como entrei muito cedo para o esporte, que é 100% binário, separado em feminino e masculino, fiquei imerso nesse mundo e não enxergava como uma possibilidade fazer a transição”

primeiro jogo, na teoria, não era para eu ter me complicado do tanto, mas foi muito disputado. Foi bem difícil mesmo, mas, pelo menos, consigo. Esse passo foi mais importante do que imaginava. Por quê? Não estava a fim de competir ainda, queria esperar mais um pouco, mas foi importante para ver o que preciso fazer, e também que preciso tomar. Qual é esse caminho? Principalmente em termos de planejamento de competições. O Campeonato Paulista, por exemplo, não joga faz muito tempo, quem está na seleção geralmente não joga, só torço mesmo que não jogue no momento. Mas, depois do Brasileiro, me dei conta que preciso ser bem mais cuidadoso que preciso, vou ter um pouco de portinho, tenho que estar bem atento a isso e que precisa ficar bem atento. Você sente muita diferença em relação aos jogos no finalzinho? Senti diferença na raquete que é um favor de repente tanto para o jogo. No masculino, não sou tão bom, não sou tão bom quanto falamos no esporte, em que o jogador não se preocupa com a raquete. São aspectos que a raquete tem a ver com a raquete de estar, a posição do corpo, a direção da bola. Não posso nem falar de competitividade, de o saque ser melhor no masculino, porque, na verdade, ele é diferente. Se as jogadoras se valessem da mesma estratégia, talvez saque teria a mesma eficiência. Acho que tem a questão da condição masculina e da raquete, em termos de movimentos, sempre fazem tudo certo, de repente mais vociferante. Vou ter que aprender a lidar com isso, não vou racoesgar recepções, mas para não passar raia. Ainda vê alguma possibilidade de estar em Paris 2024? Paris é impossível, a origem já está praticamente fechada, mesmo que eu estivesse, existem muitos jogadores que estarão na minha frente. Tenho que ser muito realista em relação à expectativa. E pensando em Los Angeles 2028? Tenho que pensar primeiro em tentar estar na seleção, porque vejo que é algo difícil. Tenho um sonho do que um objetivo. Meu objetivo é, certo, e não quero abandonar o tênis de mesa, porque agora consigo tudo de novo, se não sabe me procura para jogar e me perguntar quanto quero receber, não dá para jogar, não sei o que posso oferecer para eles em termos de resultados. No feminino, sabia que poderia ser uma modalidade, não. Esse é o maior desafio para quem quer continuar vivendo como um jogador de tênis de mesa. É algo que quero muito, mas as coisas não são fáceis. Não vou só me focar em um objetivo, sem olhar se a minha vida está indo para frente.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Esportes Caderno: B Pagina: 7